

“Um espetáculo de linguagem inovadora, desenvolvida antes de tudo para servir a seu conteúdo, que une despojamento e profundidade. Deslumbrante.

...

Um belo desafio para a ousada Companhia do Feijão: um texto (*eles eram muitos cavalos*) inviável em teatro para as inviáveis vidas anônimas de São Paulo. O fato desse princípio de risco ter se tornado um espetáculo muito bem-sucedido – foi escolhido pela crítica como a melhor entre as estréias do recente Festival de Curitiba – prova a incrível fé no taco desse grupo, que já vinha se destacando desde ‘O Ó da Viagem’ e que agora se consagra.

...

Dura e terna homenagem da Companhia do Feijão à São Paulo descalça, sedutora e temerosa pelo dia após o outro. ... A Companhia do Feijão chega ao ápice, com um buquê de flores do caos urbano.

...

Pequenas epifanias urbanas.

...

A Companhia do Feijão estabelece o painel da sobrevivência em São Paulo.

...

Um teatro de enormes recursos: os atores da Companhia do Feijão.”

**Sergio Salvia Coelho / Folha de S.Paulo**

“Há crescimento e maturação visíveis nos trabalhos da Companhia do Feijão. Impelidos pela simplicidade, adotando o despojamento como estilo, dispensando cenário e maquinarias, a equipe investe em uma ação teatral centrada na solidez das idéias, na qualidade do texto e no trabalho do ator, que dá o norte de todo o processo e estabelece as premissas estéticas dentro das quais o espetáculo se configura.

...

A direção levou o elenco a ocupar o espaço de forma plástica e intensa, alternando expressivos solos dos cinco atores com coreografias que recriam o vibrante burburinho da cidade sem recorrer a chavões e a soluções gestuais batidas. Há frescor e novidade no tratamento corporal que os intérpretes de Mire Veja imprimem ao trabalho. E o talento dos diretores expressa-se mais em pequenos detalhes que em grandes ações.

...

Mire Veja permanece na lembrança e aos poucos a gente vai se dando conta de como a simplicidade de Pires e Pessoa é rica em minúcias, em pequenos efeitos, em sutilezas que dão conta do quanto de invenção e experimentação foi investido na montagem.

...

O elenco age com a finura e precisão de um quinteto de música de câmara. (...) Os intérpretes executam a partitura coletiva com perfeição. E atingem alto rendimento nos solos. Não há exageros dramáticos. Retratos nítidos, mas contidos, das personagens, são a regra. Quase ninguém levanta a voz em cena. Não há arroubos nem gritos estridentes. E, no entanto, o povo de São Paulo está ali, e à mostra abrem-se abismos sociais que separam as classes, os moradores das várias cidades que convivem numa só, um caleidoscópio atordoante que os intérpretes desenham com paixão e habilidade.

...

Se a idéia de trabalho atoral coletivo já pode ser usada em alguma montagem, sem dúvida alguma é nesta. Assim, o aplauso ao elenco tem de ser, necessariamente, coletivo. Mire Veja é por todos esses motivos um espetáculo indispensável, urgente.

...

A montagem confirma a Companhia do Feijão como um dos grupos jovens mais consistentes de pesquisa da linguagem teatral em ação hoje no Brasil.”

**Alberto Guzik / Aplauso Brasil**

“...montagem feliz e bem-vinda.

...

Um dos grandes méritos de Mire Veja é justamente saber incitar a imaginação por meio de expedientes mínimos, centrados unicamente na potencialidade dos atores.

...

Das teorias que acercam e norteiam o grupo, concretizou-se o que se deve classificar aqui de espetáculo de câmara surpreendente: contido, minimalista e de um ritmo que está a favor da fruição da platéia.”

**Helio Ponciano / Bravo!**

“A Companhia do Feijão tem mostrado a determinação de propor, através dos seus espetáculos, que prestemos atenção nas pessoas, nos objetos e nas relações entre eles. Parece óbvio, mas um dos paradoxos da modernidade é o de nos forçar a totalizações. Diante da experiência fragmentada ou da ilimitada abertura para o cosmo, a cultura se esforça para abarcar as coisas por meio de abstrações. Com uma paciência verdadeiramente filosófica, esse grupo teatral vem mostrando que para reconstituir um todo é preciso atravessar a experiência prática do despedaçamento e da separação.”

**Mariangela Alves de Lima / O Estado de S.Paulo**

“...um espetáculo imperdível.”

**Maria Lúcia Candeias / A Gazeta Mercantil**

“... um espetáculo inventivo e intenso.”

**Jefferson Del Rios / DCI**

“Espírito de revolta e maturidade artística são virtudes à mostra neste montagem da Companhia do Feijão.”

**Folha de S.Paulo / Caderno Mais**

“A transposição [do livro] para o palco é hábil, ganhando autonomia expressiva como forma teatral. Espetáculo ágil, com momentos que tocam emocionalmente a platéia ao estabelecer a contracena do humano com o social, mostra eficiência e comunicabilidade.”

**Macksen Luiz / Jornal do Brasil**

“Mire Veja une a crítica social a uma linguagem contemporânea de rara pertinência estética.”

**Pablo Pires / O Tempo**

# FOLHA ILUSTRADA

PÁGINA E 1 ★ SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2003

"MIRE VEJA"

## Montagem mergulha público no silêncio dos excluídos

SERGIO SALVIA COELHO

CRITICADA FOLHA

“ELES Eram Muitos Cavalos”, de Luiz Ruffato, é uma sequência de flashes do cotidiano urbano paulista. Ágil, como se o autor tomasse notas na rua, estabelece um painel sobre uma galeria de personagens que se cruzam e se completam sem quase se notarem. Além deles, as várias “locações” sugerem uma adapta-

ção para o cinema, mas como imaginar isso no palco?

Um belo desafio para a ousada Companhia do Feijão: um texto inviável em teatro para as invíveis vidas anônimas de São Paulo.

O fato desse princípio de risco ter se tornado um espetáculo muito bem-sucedido —foi escolhido pela crítica como a melhor entre as estréias do recente Festival de Curitiba— prova a incrível fé no taco desse grupo, que já vi-

nha se destacando desde “O Ó da Viagem” e que agora se consagra.

Pedro Pires e Zernesto Pessoa, adaptadores e encenadores, entrelaçam 20 contos curtos com uma arrojada sintaxe cinematográfica, a partir de improvisos de atores preparados não só para trocar de personagem sem apoio de figurino ou maquiagem, como sugerir o cenário pela marcação e fazer a sonoplastia em cena.

E esses camaleões do Feijão

também alternam-se na narração, indicando mudanças de tempo e local às quais o resto do elenco se adapta em segundos, e na paisagem sonora, por onomatopéias e discretas percussões.

Rodrigo Gaion de Oliveira comete a façanha de fazer simultaneamente o monólogo impagável de um taxista e os ruídos de seu automóvel em uma inventividade cênica que não se vê desde o “Macunaíma” de Antunes Filho.

Para esse painel, o texto é costurado em um movimento de aproximação: começa no sertão de Guimarães Rosa, e vem se aproximando da selva urbana. O tom passa de terno e jocoso a tragicamente comovente e encerra-se de modo inesquecível. “Mire Veja” começa como um caleidoscópio para mergulhar o público no silêncio que comunga a angústia dos excluídos, o silêncio roseano que é “a gente mesmo, demais”.

### Mire Veja

★★★★

**Direção e dramaturgia:** Pedro Pires e Zernesto Pessoa

**Com:** Companhia do Feijão

**Onde:** teatro de Arena Eugênio Kusnet (r. Dr. Teodoro Baíma, 94, SP, tel. 0/xx/11/3256-9463)

**Quando:** de qui. a sáb., às 21h, e dom., às 20h; até 29/6

**Quanto:** de R\$ 6 a R\$ 12

## TEATRO

# 'Mire Veja' impõe a crueza do cotidiano e agrada

*Cia. do Feijão mostra belo trabalho em que atores têm perfeito domínio do corpo e da voz*

MARIANGELA ALVES DE LIMA

Especial para o Estado

Tem poucos anos a Companhia do Feijão, mas a maturidade artística tem seu próprio ritmo. Fez o seu primeiro espetáculo em 1999 e desde então tem mostrado a determinação de propor, através dos seus espetáculos, que prestemos atenção nas pessoas, nos objetos e nas relações entre eles. Parece óbvio, mas um dos paradoxos da modernidade é o de nos forçar a totalizações. Diante da experiência fragmentada ou da ilimitada abertura para o cosmo, a cultura se esforça para abarcar as coisas por meio de abstrações. Com uma paciência verdadeiramente filosófica, esse grupo teatral vem mostrando que para reconstituir um todo é preciso atravessar a experiência prática do despeçamento e da separação. Na perspectiva adotada até agora pelo grupo, a matéria da arte é o que nos acontece. O subjetivismo e a metafísica, dois dos instrumentos que a arte contemporânea maneja para expressar a inacessibilidade do mundo, não fazem parte do arsenal mobilizado para a criação dos seus espetáculos.

*Mire Veja* tem a duplicidade do título, a um só tempo autoritário e convidativo. Convida a olhar a metrópole em que vivemos, impõe a obrigação de olhar. Inspirado no livro *Eles Eram muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato, o espetáculo dirigido por Pedro Pires e Zernesto Pessoa procura tornar visível um cotidiano que, antes de tudo, é feito de pessoas. Dentro da geografia urbana imensa e degradada, em meio ao ruído e ao movimento incessante, o espetáculo des-



'Mire Veja', dirigida por Pedro Pires e Zernesto Pessoa: inspirada em 'Eles Eram muitos Cavalos', de Luiz Ruffato

há outras coisas além de conclusões estatísticas, quando se enfrenta a geografia humana.

A primeira delas, e que deriva da obra em que se inspira a encenação, é que não há tipos para quem aceita a existência do mundo exterior. Todas as figuras humanas apreendidas pela narrativa partilham certas condições comuns: vieram de algum lugar para procurar aqui condições melhores de existência, estão sempre em situação de ansiedade e precariedade material e quase todas sonham com a superação desse momento. No prólogo do espetáculo, essa circunstância universal do deslocamento e da continuidade histórica é devidamente

de onde homem e natureza se harmonizam. A nostalgia de um sertão igualmente mítico) vive em todos os personagens. Nenhum deles, no entanto, serviria de índice para explicar uma categoria sociológica ou econômica.

São focalizadas exatamente no que têm de singular, de insubstituível, em um momento dramático ou em uma formulação especial de linguagem que as torna particulares.

Se a língua é a mesma, cada ser humano a maneja de modo único e a sedução do espetáculo para a sua proposta está na excepcional acuidade com que combina os elementos da linguagem teatral para reproduzir experi-

rias ser cotidianas para os desafortunados habitantes desse conglomerado). Em cada narrativa há um aspecto de reconstrução baseado, sem dúvida, na observação. O corpo da mulher idosa, os movimentos de uma criança, a torcida peculiar do taxista que só pode utilizar o tronco para se exprimir, a gíngua do adolescente desocupado e a acuidade nervosa do bandido não são inteiramente imaginários. São contornos familiares que os intérpretes utilizam para imprimir veracidade aos personagens.

Mas isso é apenas parte da composição, uma vez que a essa reconstituição se somam elementos narrativos ou simbólicos. Enquanto desenha um gestual verista, o intérprete indica o espaço da ação, os sons do ambiente e um traço emocional, transmitido pela entonação. Em um trabalho de extraordinária beleza, em que todos os atores

têm um domínio homogêneo do corpo, da voz e da composição visual das cenas, o espetáculo conduz a lugares onde nunca estivemos ou raramente estivemos. A sedução – convenhamos – é necessária. A Companhia do Feijão tem a vencer a crosta da indiferença e da covardia.

Não se trata, contudo, de cenas apenas testemunhadas e transfiguradas, mas de cenas possíveis. Apenas um dos quadros (o dos operários sobre o andaime) tem desfecho. Todos os outros se apresentam como instantâneos sugerindo pré-história, continuidade e desenlace. É essa tarefa que, ao que tudo indica, o espetáculo deixa sob a responsabilidade do público. Vivemos em

meio a histórias que não são exatamente como essas, mas que são tão instigantes como essas. Pessoas se acotovelam conosco todos os dias: fazem a cidade. São, na verdade, nossa própria história. Signos da essência humana, diriam os metafísicos. Impressões indelévels sobre o nosso íntimo, diriam os subjetivistas. De qualquer forma, se não as virmos, não haverá como saber

## SERVIÇO

**Mire Veja.** Inspirado no livro *'Eles Eram muitos Cavalos'*, de Luiz Ruffato. Criação Companhia do Feijão. Direção e dramaturgia Pedro Pires e Zernesto Pessoa. Duração: 90 minutos. De quinta a sábado, às 21 horas; domingo, às 20 horas. R\$ 10,00. Teatro Eugênio Kusnet. Rua Teodoro Baima, 94, tel. 3956 0462. Até 20/6



## Crítica

## A ECONOMIA DA SUGESTÃO

Em *Mire Veja*, Companhia do Feijão encena com maturidade e apoios cênicos mínimos o cotidiano de uma metrópole

A jovem Companhia do Feijão, em seus cinco anos de atividade, percorreu um campo de pesquisa e experiência teatral em que a busca de aprimoramento e rigor técnico não poderia reservar a médio prazo outro triunfo que a maturidade. No novo espetáculo do grupo, *Mire Veja*, dirigido por Pedro Pires e Zernesto Pessoa, a economia de cenário, o uso mínimo de iluminação, o texto e as seqüências fragmentados, a fala e os gestos interagidos pelos atores obedecem a uma única disciplina, que privilegia a sugestão e o envolvimento do público.

Baseada no livro *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato, a peça é composta por 20 cenas que extraem do cotidiano de São Paulo pequenas histórias de indivíduos – seja lá a que meio pertençam – em uma relação dolorosa com a cidade. Os testemunhos e os dramas desses personagens se alternam em um movimento contínuo, ininterrupto, ligados pelo depoimento simplório e por vezes comovente de um taxista. A aparência de simplicidade desse emaranhado de enredos esconde com justeza a construção cênica de um jogo equilibrado de elementos que, se orientados erroneamente, poderiam transformar a peça numa denúncia sofrível e vazia das misérias de uma metrópole. Longe disso, *Mire Veja* cerca-se de cuidados até mesmo na escolha dos contos de Ruffato, evitando também distorcer a natureza da obra.

Quando, logo na primeira cena, um personagem cita *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, o título da peça se explica pelo trecho do romance e, de certa forma, se filia a ele pelo emprego da oralidade e pela capacidade desta de poder transmitir as particularidades dos anônimos. O que se estabelece com o discurso inicial é um vínculo imprescindível para o entendimento e a relação elenco-público. Em nenhum momento se faz uso do recurso da participação física da platéia; um dos grandes méritos de *Mire Veja* é justamente saber incitar a imaginação por meio de expedientes mínimos, centrados unicamente na potencialidade dos atores. Trata-se de um espetáculo que efetiva-

mente dispensa acessórios e quinquilharias e assume o risco de criar sem a base de um texto já consagrado, elemento que tem legitimado o deslumbramento de muitos grupos por um teatro de releituras equivocadas.

Exemplo da aplicação exata de seus meios expressivos, é o uso da voz e de efeitos em coro, criando tensões ou evocando espaços que substituem com grande vantagem um cenário realista, cuja exatidão quebraria aqui o intercâmbio que se pretende. O revezamento dos intérpretes procura criar o efeito de simultaneidade, o que reproduz o fluxo veloz das 24 horas contínuas de *Eles Eram Muitos Cavalos*.

No tom decrescente de *Mire Veja*, o riso que de início poderia acompanhar as narrativas vai sendo sobreposto por uma realidade cada vez mais fechada a qualquer alento ou otimismo. O próprio taxista refletirá esse ciclo em seu último relato, desfecho muito apropriado para o personagem que representa plenamente o valor da memória na peça. Como conclusão e síntese da força dramática de todas as histórias, a cena final promove o momento mais singelo e eficaz, resultado natural e coerente com as investigações da Companhia do Feijão.

Das teorias que acercam e norteiam o grupo, concretizou-se o que se deve classificar aqui de espetáculo de câmara surpreendente: contido, minimalista e de um ritmo que está a favor da fruição da platéia. Montagem ainda mais feliz e bem-vinda, quando o tempo do teatro hoje parece acomodado a fórmulas pró-bilheteria que distorcem seu alcance e traem sua natureza – tempo de palco e elenco para auditório de TV e de salas praça-de-alimentação.



Acima, cena da peça: minimalismo e fruição do público.

*Mire Veja*, baseado no livro *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato. Direção de Pedro Pires e Zernesto Pessoa. Com a Companhia do Feijão: Fernanda Haucke, Galon de Oliveira, Jonas Goffeto, Petronio Nascimento e Priscila Jorge. Teatro de Arena Eugênio Kusnet (rua Teodoro Baíma, 93, Vila Buarque, São Paulo, SP, tel. 0++/11/3256-9463). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 20h. R\$ 12. Até o dia 29.

## Chega a SP "Mire Veja", uma das melhores peças do festival de Curitiba. Leia crítica



17:31 30/04

Por Alberto Guzik, colunista do Aplauso Brasil [aplausobrasil@superig.com.br](mailto:aplausobrasil@superig.com.br)

**SÃO PAULO - Depois de estrear no Festival de Teatro de Curitiba, onde foi considerado um dos melhores espetáculos da mostra, "Mire Veja", nova produção da Companhia do Feijão, está em cartaz em São Paulo, no Teatro de Arena Eugênio Kusnet.**

A obra, dirigida por Pedro Pires e Zernesto Pessoa, leva para o palco uma teatralização do romance de Luís Ruffato, "Eles Eram Muitos Cavalos" (Editora Boitempo), premiado com muita justeza pela ABL como o melhor de 2002.

Sem perder o forte acento roseano que já circou por outras obras do escritor  $\frac{3}{4}$  afinal, Ruffato também é mineiro, não de Cordisburgo, mas de Cataguases, cenário de seus livros de contos anteriores  $\frac{3}{4}$ , "Eles Eram Muitos Cavalos" finca raízes na megalópole, em São Paulo, cidade onde vive o escritor, e da qual traça um painel amplo, simultaneamente detalhado e fragmentado, pondo em ação mais de três dezenas de personagens de todos os tipos e classes sociais.

A adaptação de Pires e Pessoa movimentava vinte dessas figuras, que acompanhamos por um tempo breve. Não há nos adaptadores a preocupação de preencher os claros deixados pelo escritor. As tramas, inacabadas no original, permanecem incompletas na transposição teatral. Na verdade, as conclusões são deixadas para cada espectador, que deve usar a própria imaginação. Isso não é um defeito de dramaturgia, pois as fábulas assim estilhaçadas tornam-se integrantes do vasto mapa concebido por Ruffato. Na versão teatral, os adaptadores souberam respeitar tanto o espírito quanto o estilo do texto original. Mais que a voz de Pires e Pessoa, é a voz de Ruffato que o público ouve nas falas da peça.

"Mire Veja" é mais um passo da Companhia do Feijão em direção ao um projeto de entendimento do ser brasileiro, do sentido dessa condição. Pode parecer uma idéia simples, mas é o que há de complexo. E o grupo está mapeando seu território sem pressa nem passos maiores que as pernas.

Criada há cinco anos, a trupe concebeu inicialmente um trabalho dirigido ao público infantil, "Movido a Feijão". A seguir, na esteira de uma excursão ao nordeste, confeccionou "O Ó da Viagem", bem elaborada adaptação do livro de Mário de Andrade, O Turista Aprendiz. Com esse trabalho os integrantes do Feijão iniciaram seu processo de reflexão a respeito da brasilidade. A montagem seguinte, "Antigo 1850", continuou essa inquirição circunavegando a urbanização do Brasil e os movimentos de exclusão social que a acompanharam do século 19 até o presente. "Mire Veja" vai na mesma trilha, observando desta vez a diversidade humana (e política, social, cultural...) da urbe caótica.

Há crescimento e maturação visíveis nos trabalhos da Companhia do Feijão. Impelidos pela simplicidade, adotando o despojamento como estilo, dispensando cenário e maquinarias, a equipe investe em uma ação teatral centrada na solidez das idéias, na qualidade do texto e no trabalho do ator, que dá o norte de todo o processo e estabelece as premissas estéticas dentro das quais o espetáculo se configura.

Tudo parte do elenco e volta a ele nesta montagem. Os intérpretes encarregam-se de criar sons, de evocar na imaginação do espectador os cenários. Um detalhe na roupa e o ator que faz um motorista de táxi falador ao extremo transformar-se num executivo frustrado que espera uma bela visitante do patrão do aeroporto de Guarulhos. Um lenço nos ombros, e a atriz que fez um menino enfezado que sabe onde ficam todas as cidades brasileiras se transforma em uma velha nordestina tresnoitada num ônibus a caminho de São Paulo, onde vai encontrar o filho. Além dos recursos corporais, há os sonoros. Ao texto são acrescidas onomatopéias, e, por exemplo, a brincadeira infantil de dirigir um carro inexistente, com os sons da máquina reproduzidos pela boca de quem brinca, ganha na montagem função relevante em episódio axial do conjunto.

A direção levou o elenco a ocupar o espaço de forma plástica e intensa, alternando expressivos solos dos cinco atores com coreografias que recriam o vibrante burburinho da cidade sem recorrer a chavões e a soluções gestuais batidas. Há frescor e novidade no tratamento corporal que os intérpretes de Mire Veja imprimem ao trabalho. E o talento dos diretores expressa-se mais em pequenos detalhes que em grandes ações. Os sapatos que representam personagens não vistos estão nesse caso. E também a vela que ilumina a cena final, cujo apagar-se é uma solução de indiscutível mestria, causando no espectador um assombro que perdura por longo tempo depois de que este sai do teatro. Aliás, Mire Veja permanece na lembrança e aos poucos a gente vai se dando conta de como a simplicidade de Pires e Pessoa é rica em minúcias, em pequenos efeitos, em sutilezas que dão conta do quanto de invenção e experimentação foi investido na montagem.

Os cinco atores de Mire Veja são inteligentes e estão em sintonia fina uns com os outros. Para realizar o projeto dos diretores, era necessária uma interação absoluta entre todos eles. E o elenco age com a finura e precisão de um quinteto de música de câmara. Todos dependem uns dos outros. O ritmo de cada um sai do ritmo do conjunto. Caso um deles perdesse pé, a montagem descarrilharia, sem fluência, sem a continuidade narrativa que é sua medula teatral. Os intérpretes executam a partitura coletiva com perfeição. E atingem alto rendimento nos solos. Não há exageros dramáticos. Retratos nítidos, mas contidos, das personagens, são a regra. Quase ninguém levanta a voz em cena. Não há arroubos nem gritos estridentes. E, no entanto, o povo de São Paulo está ali, e à mostra abrem-se abismos sociais que separam as classes, os moradores das várias cidades que convivem numa só, um caleidoscópio atordoante que os intérpretes desenham com paixão e habilidade.

Seria injusto não destacar as intervenções de Rodrigo Gaion de Oliveira como o taxista falador, que conta toda a vida ao um passageiro invisível, e de Fernanda Haucke, como o garotinho miserável e franzino que assombra os amigos do pai por saber os estados em que ficam todas as cidades do Brasil. Mas os dois, assim como Priscila Jorge, Jonas Golfeto e Petrônio Nascimento formam um conjunto no qual é quase impossível apontar atuações destacadas. Se a idéia de trabalho atoral coletivo já pode ser usada em alguma montagem, sem dúvida alguma é nesta. Assim, o aplauso ao elenco tem de ser, necessariamente, coletivo. Mire Veja é por todos esses motivos um espetáculo indispensável, urgente. E desde já candidata-se à lista dos melhores do ano.

**Mire Veja.** De quinta a sábado, 21h. Domingos, 20h. Teatro de Arena Eugênio Kusnet. Rua Doutor Teodoro Baima, 94. Centro. Tel. (11) 3256.9463. R\$ 12.

## ARTES

TEATRO

# Uma viagem pela cidade

A peça "Mire e Veja" mostra ótima dramaturgia, precisão e criatividade

MARIA LÚCIA CANDEIAS\*  
de São Paulo

O teatro experimental paulista tem primado por apresentar espetáculos quase sempre inteligentes e criativos. Grupos como o Circo Miniño (adaptação de "O Velho e o Mar", de Hemingway) e o XPTO ("Buster Keaton") são exemplos que nos vêm à memória mais rapidamente, por sua excelência e muito sucesso. Impossível não lembrar também dos grupos Lume Boa Companhia, ambos de Campinas. O primeiro, que vez por outra se apresenta por aqui, esteve em cartaz no ano passado com "Café Com Queijo" — texto elaborado após longa pesquisa por diversos rincões do Brasil —, além de cumprir temporadas muito curtas com outras montagens de seu repertório.

A Boa Companhia apresentou com "Primus", uma bem-sucedida adaptação de Kafka, que fazia uso de poucas frases, uma ta-

refa difícil, em se tratando desse autor. O elenco, na maior parte do tempo, representava primatas com uma precisão para macaco nenhum botar defeito. Há cerca de meio ano, veio à cena também a peça "Mundus Immundus", da Cia Incomodada, focalizando uma catadora de papel.

Todos esses artistas apresentam recursos alternativos à oralidade, o que sugere a necessidade de textos em que a palavra não predomine tanto, como é comum. Essas práticas, que há muitos anos fazem parte da formação dos atores, raramente podem ser utilizadas; a não ser quando estão incluídas no tema abordado pela trama: são técnicas circenses, mímica, expressão corporal, sons de todos os tipos. A utilização de objetos para esse fim, provavelmente é uma influência do grupo britânico Stomp, que dança e faz o ritmo com tampas de lixo, páginas de jornal e similares.

Talvez essa relação não seja assim tão significativa como parece,



A Cia do Feijão utiliza de forma correta o espaço disponível no Teatro de Arena

já que sempre fomos mestres em caixas de fósforo e outros batucos. São sons feitos com o corpo e a expressão vocal, sem a idéia de música propriamente dita, mas de ruídos, sonoplastia ou onomatopéia. É uma riqueza enorme que tem tudo para fascinar até os espectadores mais exigentes. De vez em quando, algum dramaturgo escreve algo que dê ensejo a algumas destas técnicas, mas na maioria das vezes são os grupos que compõem a peça e, em alguns casos, criam uma adaptação que lhes permita exhibir seus talentos, que não são poucos.

Nestes casos pode-se dizer que

há um descompasso entre a escrita teatral e o teatro propriamente dito. De qualquer forma, é fantástico como esses artistas experimentais têm conseguido suprir esta falha. Dentre essas trupes, vale lembrar a Cia do Feijão que está em cartaz no Teatro de Arena com o espetáculo "Mire Veja".

A montagem é a última parte de uma trilogia que incluía "Ó da Viagem", exibida no ano passado, que se dedicou a pesquisas principalmente no Nordeste, seguindo, quase um século depois, o mesmo roteiro descrito por Mario de Andrade em "O Turista Aprendiz". "Mire e Veja" é uma

viagem pela capital paulistana, onde não falta precisão e criatividade. Apresenta uma ótima dramaturgia, assinada pelos diretores Pedro Pires e Zernesto Pessoa, vê a cidade com alguma poesia. Além disso, impressiona pelo bom uso do espaço do Teatro de Arena, que tem sido um desafio mal resolvido por alguns grupos.

A movimentação, exibe um ritmo constante e sem quebras, mérito também da preparadora corporal Fernanda Haucke que compõe o ótimo elenco. Interpretam com ela, Jonas Golfeto, Petrónio Nascimento, Priscila Jorge e Rodrigo Gaion de Oliveira, que dão

conta do recado. Nesta tarefa são ajudados pelos adequados trajés de Marina Reis. Merecem destaque ainda, Julio Maluf, encarregado da direção musical, e Marinho Piacentini, responsável pelo desenho de luz.

Em síntese é, a meu ver, um espetáculo imperdível. A ponto de a gente chegar a esquecer o desconforto de ficar meio amontoado à espera de que a porta do teatro se abra, e também de ter que estacionar o carro na rua, já que não há manobristas. Mesmo assim, "Mire e Veja" deixa boas recordações. ■

\*Doutora em teatro pela USP e professora da Unicamp

## DESENCONTROS URBANOS

A paulista Companhia do Feijão destaca-se no 12º Festival de Curitiba com o espetáculo "Mire Veja", uma série de histórias-fragmentos baseada no livro "Eles Eram Muito Cavalos", do mineiro Luiz Ruffato

PABLO PIRES

ENVIADO ESPECIAL PARA O TEMPO

CURITIBA - O homem da metrópole, seu rompimento com o ciclo vital da natureza, a ausência de referência e os cacôs, múltiplos, gerados no interior deste ser fragmentado, disperso e imerso no caos urbano. O movimento de passagem do homem de um ciclo telúrico a outro, urbano, e imposto pelo que o circunda na vida diária de uma grande metrópole. Essa questão, complexa e multifacetada, foi o tema da pesquisa da Companhia do Feijão que resultou no espetáculo "Mire Veja", que estreou no 12º Festival de Teatro de Curitiba, sendo até aqui um dos melhores levados no evento.

"Mire Veja" é uma bela adaptação livre do premiado livro do mineiro Luiz Ruffato - "Eles Eram Muito Cavalos" publicado pela editora Boitempo. O livro é composto de 65 fragmentos de histórias, ambientadas em São Paulo. Retratam a diversidade social, cultural e humana da metrópole. Crítico mordaz, o autor criou um mosaico da perda de identidade desse homem contemporâneo.

Adaptado e dirigido por Pedro Pires e Zernesto Pessoa, a peça utiliza 20 histórias-fragmentos do livro e cria uma dramaturgia própria, com recursos cênicos mínimos. Para ilustrar esse movimento de passagem, foi utilizado, no prólogo, um texto inspirado em Guimarães Rosa como símbolo desse homem primitivo. "O estado primordial do homem de Guimarães Rosa serve de contraponto para o homem urbano. É um movimento do todo para a perda", explicam os diretores.

### Trilogia temática

A Companhia do Feijão, formada em 1998, passou por várias formações. O presente espetáculo é o último de uma trilogia iniciada com "O Ó da Viagem" e "Antigo 1850". Na sequência, os três espetáculos também fazem o movimento do rural ao urbano e têm em comum o fato de partirem de um texto literário para a criação dramática, um dos elementos fundamentais da pesquisa da companhia.

Pedro Pires afirma que a literatura serve como estímulo para a criação teatral até mais do que o texto dramático. "É um ponto de partida concreto e que dá unidade para ser utilizado no processo de criação". Para o diretor, o uso de textos literários reforça o poder da palavra por se tratar de autores profundamente ligados

à linguagem escrita. No trabalho da companhia, o ator é, sobretudo, um narrador que explora a relação entre os personagens, mas também conta com a relação de crença do público. A ilusão é parte do espetáculo. "A imaginação do público é o nosso maior aliado", diz o diretor.

No processo de criação, os atores partem do texto e se entregam a exercícios e jogos que, posteriormente, resultam no espetáculo. Quase todos os atores são do interior do Estado e sua visão migrante, com certo distanciamento, coincidente com a do autor do livro, colaborou para o resultado. A atriz Fernanda Hauke explica que a cidade é composta por pessoas e que frequentemente sobrepomos os elementos espacial e arquitetônico ao humano.

### Ausência de raiz

O escritor Luiz Ruffato diz que sua obra é fruto de "uma visão muito particular de ausência de raiz", e se compõe de elementos positivos, como a diluição do preconceito, e negativos, como o descompromisso com a própria cidade. "É o depoimento de alguém que se indigna com tudo que vê", afirma Ruffato.

O escritor se diz muito feliz com a versão teatral, a cujo ensaio ele assistiu em São Paulo. "Quando me procuraram para usar o texto, disse: 'Vai ser impossível', e fiquei contente e apreensivo com a proposta", conta. Ruffato diz que ficou surpreso com o resultado. "O texto é extremamente literário, mas tornou-se muito teatral, com soluções maravilhosas em um espaço cênico despido de recursos e com uma costura muito feliz."

O livro "Eles Eram Muito Cavalos" tem previsão de lançamento na Itália, em maio, e sua tradução está sendo negociada também para o francês. Ruffato afirma que o retrato que teceu de São Paulo revela a vertiginosa destruição arquitetônica da cidade, e que tal processo ocorre igualmente nas pessoas. No espetáculo, a relação espacial é central. Mesmo com referências explícitas à cidade, as relações podem ser aplicadas a qualquer centro urbano de grande porte.

Tanto a versão escrita como a encenada fazem outro movimento: sobrepõem o mapa geográfico ao humano. O diretor Pedro Pires diz que esse movimento "aproxima da cidade como se aproxima de um mapa, para depois revelar o mapa interior dos indivíduos". Da localização de pessoas na cidade, o texto penetra no âmago de cada indivi-

duo para expor seus conflitos, dores, passado, presente e poucas e desoladas expectativas.

### Sons da cidade

Recentemente agraciada com o Programa Municipal de Fomento ao Teatro, da Prefeitura de São Paulo, a Companhia do Feijão pesquisa também a utilização da linguagem popular e a simplicidade de elementos cênicos. Em "Mire Veja", a trilha, composta pela multiplicidade de sons da cidade, é executada pelos próprios atores, em cena. A iluminação é o único recurso "tecnológico" empregado. Entre monólogos e diálogos, a improvisação é quase nula. A movimentação dos atores, bastante coreográfica, substitui e complementa o texto.

Tudo isso confere ao ator um papel fundamental na composição de cena. Cabe ao ator ainda a transposição das idéias geradas pela base narrativa e pelas pesquisas e visões de cada integrante. Aos diretores e dramaturgos, sobra a difícil tarefa de selecionar e ordenar as idéias traduzidas em ações. "Paramos muito pouco para discutir idéias", afirma Zernesto Pessoa. As idéias, assim como os princípios da companhia, podem ser pouco discutidas, porém são claras e facilmente reconhecidas como fruto de um longo e intenso trabalho de pesquisa e dedicação.

### Não engajados

A crítica social sempre foi elemento constitutivo do trabalho da companhia. Mesmo presente, os diretores recusam com veemência o rótulo de engajados. Afirmando que não há panfletarismo e apenas retratam o mundo com suas próprias lentes. "Sabemos que o teatro não faz a revolução", fala Pedro Pires, rindo de si mesmo.

Zernesto Pessoa diz querer falar do que os incomoda e, não, propor uma solução. Ele fala que, da mesma maneira que o espetáculo necessita da imaginação do espectador para completar a história, o aspecto social ou político é apenas uma isca e uma versão de quem olha o mundo de maneira crítica. Papel do artista ou não, o fato é que constitui um olhar sincero que, através do filtro estético, não se cansa de jogar poesia nas mazelas de um país em constante crise. Com "Mire Veja", tal proposta une a crítica social a uma linguagem contemporânea de rara pertinência estética.

O jornalista está em Curitiba como convidado do festival.

IRENE ROIKO/TERRA/DIVULGAÇÃO

Cena de "Mire Veja" com integrantes da Companhia do Feijão dirigidos por Pedro Pires e Zernesto Pessoa; o espetáculo estreou no último fim de semana do 12º Festival de Teatro Curitiba



## TEATRO

# Em cena, a aglomerada solidão

A metrópole — ou, mais claramente, São Paulo como o Eldorado sofrido e falso no qual se teima em crer, é o carne do espetáculo *Mire e Veja*, baseado em um livro forte de Luiz Ruffato, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como melhor romance de 2001. De novo, volta-se ao panorama paulistano que — há mais de 30 anos? — Tom Zé sintetizou no verso "aglomerada solidão" da sua música São Paulo, Meu Amor, vencedora de um dos festivais de MPB dos anos 70. De lá para cá tudo só fez piorar.

O consolo mínimo é que há boa literatura e bons teatro e cinema para registrar o caos que assola as ruas dessa nova Babel, como se pode observar nos livros de Fernando Bonassi, *Marçal de Aquino*, que resultaram, respectivamente, nos filmes *Um Céu de Estrelas* e *O Invasor*. Nesse grupo inclui-se a ficção de Ruffato que a Companhia do Feijão traduz em um espetáculo inventivo e intenso. Com um mínimo de recursos, um elenco jovem consegue transformar o espaço pequeno do Teatro de Arena-Eugênio Kusnet no deserto de asfalto da selva da cidade. Há instantes em que o espetáculo se distancia do original no uso do humor. Ruffato joga mais pesado, ou mais coerentemente, com os seus temas. A encenação induz, às vezes, ao riso, pela caricatura daquilo que é essencialmente dramático. Mas é só um leve desequilíbrio, porque, no geral, *Mire e Veja* retrata São Paulo em todas as suas contradições e na cruza do trato com os pequenos, pobres e solitários. A Companhia do Feijão subiu de qualidade artística e mostra os efeitos dessa maturidade.

### Sonhos & negócios

A questão de saber se o cinema é a sétima arte ou uma indústria de fantasias é uma das lições de *Cinema: Arte & Industrial*, de Anatol Rosenfeld, (Editora Perspectiva, 264 págs.) O livro vale por um curso superior na matéria. Não por acaso, Anatol (1912-1973), um dos europeus cultos que, escapando do 2º conflito, aportaram no Brasil, tornou-se aqui um dos intelectuais mais respeitados do País como ensaísta de teatro e literatura, sobretudo a alemã. Sua contribuição cinematográfica na imprensa, nos anos 40 e 50, ganha, enfim, cuidadosa organicidade por iniciativa dessa editora, empenhada em lançar toda a obra de um intelectual que, entre seus muitos interesses, escreveu *Negro, Macumba e Futebol*.

No caso do cinema, seu pensamento estético e ideológico é marcado por dois teóricos de peso, o suíço Peter Baechlin, autor de *A História Econômica do Cinema*, e os alemães Max Horkheimer e Theodor W. Adorno de *A Dialética do Esclarecimento* — onde se definiu o conceito de indústria cultural (*kulturindustrie*).

São idéias expostas em estilo limpo e comedido. Anatol tem um jeito sedutor de conduzir os assuntos. Começa, por exemplo, com uma pergunta leve: *Podese escrever a história do cinema como se escreve a história da pintura? Em seguida, faz um resumo da origem da técnica das imagens em movimento. Não se dava nada por aquilo ao ponto de Antoine Lumière, um dos seus pioneiros, ter cometido o memorável equívoco de dizer: "Esta invenção não tem nenhum futuro comercial".*

Era uma mina de ouro tão avassaladora que o ensaísta registra ceticamente que o cinema como arte é só detalhe. Uma indústria não tem intenções estéticas. Ela se desenvolveu com o crescimento do proletariado carente de lazer barato enquanto a burguesia continuava com o teatro e a música de concerto. Há revelações surpreendentes sobre a força de determinadas cinematografias, como a da Escandinávia, desde o começo do século 20. Ao se derem conta do filão que se abria, os banqueiros alemães rapidamente fundaram, em 1917, o estúdio-UFA onde se revelaram os grandes diretores Pabst, Josef Von Sternberg, Fritz Lang e o mito Marlene Dietrich. O mesmo aconteceu na Inglaterra, França, Itália e Rússia. Quando as 1ª e 2ª Guerras Mundiais devastaram tudo isso, chegou a vez da América do pioneiro David Wark Griffith, o cineasta de *O Nascimento de Uma Nação*.

Refletindo sobre a tensão entre arte e business, o crítico escreve uma série de estudos divididos em *Ensaio Histórico, Estéticos* nos quais examina tanto a ação individual do artista como sua obra na voragem do mercado. Simultaneamente, estuda do surgimento do close-up às semelhanças entre o cinema do russo Serge Eisenstein e o filme *Rio Escondido* do mexicano Emilio Fernández.

Anatol Rosenfeld escreveu antes do *Cinema Novo* e seus desdobramentos, que levariam a produção brasileira ao exterior. Depois, foi tratar do teatro e das letras germânicas. Deixou um comentário prematuro. A indústria cinematográfica do Brasil, disse, teria problemas "quer econômicas, quer técnicas e estéticas. Mais cedo ou mais tarde terá de acompanhar os novos processos para não ficar na retaguarda [...]". Divisava, portanto, há 50 anos, a polémica estética e ideológica que atualmente envolve filmes como *Cidade de Deus*.

— JEFFERSON DEL RIOS

### Serviço

*Mire e Veja*, de Luiz Ruffato. Dramatúrgia e direção de Pedro Pires e Zermelo Pessoa. Com Companhia do Feijão (Fernando Hauke, Jonas Galvão, Patrômio Nascimento, Priscila Jorge e Rodrigo Caion de Oliveira). No Teatro de Arena-Eugênio Kusnet, Rua Teófilo Baima, 94, Centro, Tel. 3256-9463. De 5ª a Sáb, às 21h. Dorr. 20h. R\$ 17

# DCI

COMÉRCIO INDÚSTRIA & SERVIÇOS

ESTILO

Sexta-feira, 25 de abril de 2003

## Prêmio Shell elege melhores do teatro em SP

DA REDAÇÃO

A 16ª edição do Prêmio Shell de Teatro, realizada na noite de ontem, no Espaço Araguari, no Jardim Europa, em São Paulo, teve uma premiação pulverizada, sem que houvesse um grande vencedor. Foram avaliadas as melhores peças de 2003.

O espetáculo "Otelo", que recebeu cinco indicações, ganhou dois prêmios: direção (Marco Antonio Rodrigues) e cenário (Ulisses Cohn).

A peça "Pequeno Sonho em Vermelho", lembrada em quatro categorias, recebeu os prêmios de iluminação (Domingos Quintiliano) e música (Gustavo Kurlat). Fernanda Torres foi premiada como melhor atriz por "A Casa dos Budas Ditosos". E Cacá Carvalho recebeu a estatueta de melhor ator por "A Poltrona Escura".

Leopoldo Pacheco e Carol Badra ganharam o prêmio de melhor figurino pela peça "A Mulher do Trem". Na categoria especial, Pedro Pires Zernesto Pessoa e a Cia. do Feijão venceram pela concepção e criação de "Mire Veja".

A homenageada da noite do Prêmio Shell foi a atriz Lélia Abramo, 93, que teve como um dos marcos de sua carreira "Eles Não Usam Black-Tie" (1958).

Abramo não pôde comparecer à cerimônia por estar internada no Hospital Modelo desde a semana passada, após ter fraturado a bacia e desenvolvido um coágulo que migrou para o pulmão.

A versão carioca do Prêmio Shell será realizada na próxima terça-feira.

# Prêmio Shell tem festa politizada

Artistas premiados na noite de anteontem aproveitaram a ocasião para ressaltar a importância de políticas públicas para o setor e pedir a aprovação do Fundo Estadual de Arte e Cultura

## CADERNO 2

O ESTADO DE SÃO PAULO

QUINTA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 2004

BETH NÉSPOLI

O Programa Municipal de Fomento ao Teatro recebeu o maior número de citações nos agradecimentos dos artistas na animada festa de entrega do 16.º Prêmio Shell de Teatro, realizada na noite de anteontem, no restaurante Espaço Araguari. A grande maioria dos vencedores nas nove categorias premiadas – cada um recebe uma escultura e R\$8 mil – aproveitou a ocasião para ressaltar a importância do programa e também para solicitar a aprovação do Fundo Estadual de Arte e Cultura e a criação de lei federal nos mesmos moldes.

A primeira referência ao fomento surgiu logo na entrega do primeiro troféu da noite, ao dramaturgo Luís Alberto de Abreu, pela peça *Borandá*. Em seguida foi a vez do cenógrafo Ulisses Cohn, vencedor em sua categoria pelo espetáculo *Otelo*, falar sobre a necessidade de apoio também de Estados e federal. “Se viver da nossa arte é difícil, mais difícil ainda é viver sem ela”, finalizou. Não foi diferente a linha de agradecimento do diretor Pedro Pires, que dividiu com Zernesto Pessoa, e com a Companhia do Feijão o prêmio na categoria especial pela concepção e criação do espetáculo *Mire Veja*. “Grande parte dos indicados desta edição do Shell é de grupos teatrais que estão produzindo teatro de qualidade apoiados pelo fomento. O fundo estadual também tem de ser aprovado.”

Vencedor numa das principais categorias, direção, por *Otelo*, Marco Antônio Rodrigues, diretor do grupo Folias D’Arte fez o discurso mais radical da noite, “por acreditar na importância do enriquecimento do imaginário na construção da Nação que todos sonhamos. Nação que pode servir de exemplo para o mundo inteiro. Foi para isso que derrubamos 500 anos de oligarquia e colocamos um trabalhador na Presidência de República”.

O humor marcou a fala de Fernanda Torres. “Ser premiada em São Paulo é como atingir o topo do Everest”, disse ao ser muito merecidamente escolhida melhor atriz pelo solo *A Casa dos Budas Ditosos*, trabalho de uma intérprete talentosa, inteligente e segura. Embora exista uma edição carioca do Prêmio Shell, pelo estatuto, vale a cidade onde a peça estreou. Correta, portanto, a indicação, e premiação, feita pelo júri integrado por Kil



Marco Antônio Rodrigues, premiado por *'Otelo'*: discurso radical



Fernanda Torres: melhor atriz pelo solo *'A Casa dos Budas Ditosos'*



Pedro Pires (com troféu) e o elenco da Cia. do Feijão: especial

Abreu, Valmir Santos, Aimar Labaki, Silvana Garcia e Maria Lúcia Candeias, que ignorou possíveis e lamentáveis baurrismos. Também por um solo, *A Poltrona Escura*, venceu em sua categoria o ator Cacá Carvalho.

O belíssimo espetáculo *Pequeno Sonho em Vermelho*, da Cia. Linhas Aéreas, foi premiado em duas categorias: o compositor Gustavo Kurlat venceu pela música e Domingos Quintiliano pela iluminação. Leopoldo Pacheco e Carol Badra compartilharam o prêmio na categoria figurino pelo espetáculo *A Mulher do Trem*, contribuindo para a valorização do chamado circo-teatro.

Fundador do Teatro de Arena, José Renato subiu ao palco para lembrar o que chamou de “um dos momentos mais bonitos do teatro brasileiro”, a famosa cena final de *Eles não Usam Black-Tie*, na qual a personagem Romana, solitária, escolhe feijão. Cena criada pela atriz Lélia Abramo, a homenageada especial da noite, representada no palco por seu sobrinho-neto Lucas Abramo. A atriz, de 93 anos, está internada na UTI do Hospital Modelo. “Como sempre fez ao longo de sua trajetória, ela está lutando bravamente por sua recuperação”, afirmou Lucas. Mesmo ausente, Lélia recebeu o mais caloroso aplauso da noite.